

Distintos Destinos: Fracasso e sucesso da Frente País Solidário (FREPASO) e do Partido dos Trabalhadores (PT).

Autor: Bruno Marques Schaefer; E-mail: brunomschaefer@gmail.com
Orientadora: Silvana Krause; E-mail: krausesilvana@yahoo.com.br

Introdução

Este trabalho consiste em um recorte da pesquisa: “De *outsiders* a desafiadores: novos partidos no Brasil, Venezuela, Uruguai e Argentina” (KESTLER, KRAUSE e LUCCA, 2013). A pesquisa busca, de modo geral, dentro do contexto da discussão acerca de novos partidos, analisar estas organizações que nascem após a transição política na América do Sul, e são capazes de alterar os padrões de representação dentro dos respectivos sistemas partidários. Neste sentido, estes partidos representam desafios ao sistema partidário, ao incluírem novos atores e emergirem de fora do sistema, e são caracterizados como *break-in*. Este recorte, por sua vez, pretende centrar-se no estudo comparado de dois partidos: a FREPASO (Frente País Solidário), da Argentina, e o PT (Partido dos Trabalhadores), do Brasil.

A transição fundou e re-fundou novos partidos e, inclusive, novos sistemas partidários. A Argentina passou, após 83, pela ‘refundação’ de seu sistema partidário, com os tradicionais PJ (Partido Justicialista) e UCR (Unión Cívica Radical) voltando ao jogo, sem grandes alterações. O Brasil, pelo contrário, com a reforma eleitoral de 79, ‘criou’, praticamente, um novo sistema, em uma manobra do Regime Militar no sentido de dispersar a crescente oposição. Distintos processos com distintos destinos.

O estudo estará centrado nos partidos *break-in*, ou desafiadores, que, ao contrário do último caso, são caracterizados por possuírem, segundo LÓPEZ (2005, p.42): “(...) altos níveis de disciplina partidária y fortaleza de sus estructuras organizacionales, obrigando em cierto modo, a que los partidos conservadores tengan que aggiornar sus organizaciones para ser más competitivos”. Ou seja, os partidos *break-in*, além de ‘desafiarem’ o sistema partidário, externamente, no sentido da competição eleitoral, também agem de maneira interna, trazendo elementos organizacionais inexistentes no período anterior.

Quadro Teórico

A literatura sobre novos partidos é profícua e se encontra em expansão. Centra-se, principalmente, na investigação das ‘causas’ de surgimento de novos partidos, bem como o seu posterior, ou não, sucesso. O grosso desta bibliografia tem como objeto de análise o surgimento de novos partidos em democracias consolidadas (WILLEY, 1998; HAUSS and RAYSIDE, 1978; HARMEL and ROBERTSON, 1985), mas se expande no sentido da pesquisa sobre novas democracias (Leste Europeu) e o chamado ‘Terceiro Mundo’ (Américas, Ásia e África) (TAVITS, 2007; VAN COTT, 2003), principalmente no que concerne a estabilização do sistema partidário e na relação com a qualidade da democracia. As abordagens quanto a este fenômeno são variadas, mas, para efeitos de análise, neste trabalho, classificaremos esta literatura a partir de três principais abordagens acerca do surgimento de novos partidos, propostas por KESTLER, KRAUSE e LUCCA (2013, p.160):

- Enfoque social ou histórico: representação de novas demandas (caso dos vários Partidos Verdes), politização de clivagens sociais (caso dos partidos indígenas, na Bolívia principalmente (VAN COTT, 2003)), ou enquanto ‘fraturas’ sociais (emergência das esquerdas latino-americanas no período de transição política pós-ditadura (LÓPEZ (2005).

- Enfoque institucional: impacto da representação proporcional, o federalismo, e, ou, sistema de governo (parlamentarismo ou presidencialismo) (HARMEL; ROBERTSON, 1985).

-Enfoque dos atores: estratégias de sobrevivência política das elites, personalismo e facilitadores políticos (TAVITS, 2007).

A partir destas abordagens, podemos perceber que o surgimento de FREPASO e PT atentam a vários fatores, tais como: a ruptura institucional (transição política), o posicionamento crítico frente ao *status quo*, a dinâmica dos atores sociais, bem como a percepção, por seus fundadores, de que o momento era propício.

Resultados Parciais: FREPASO e PT (Modelo Originário E Institucionalização).

Modelo Originário

A FREPASO nasce no contexto do primeiro governo de Menem (1989-1995). O invólucro do partido pode ser considerado como o grupo de parlamentares do Partido Justicialista – PJ (base do presidente), rebelde em relação às medidas de reforma para o mercado, empregadas pelo governo. Neste sentido, nasce “el grupo de los ocho”, proveniente de setores mais a esquerda do partido que reivindica um retorno ao peronismo de ‘verdade’ (ABAL MEDINA, 1998; McGUIRE, 1996). O líder deste grupo é Carlos “Chacho” Álvarez. O partido, aos poucos, vai tomando ‘forma’ e se tornando o principal opositor do governo Menem, até, em 1999, chegar ao poder com a vice-presidência de Fernando de la Rúa (da UCR).

O PT nasce da conjunção de três frentes, de três bases sociais (NICOLAU, 1996): setores progressistas da Igreja Católica, sindicalistas (ligados principalmente a atividades profissionais urbanas) e intelectuais de esquerda, com pouca participação de políticos já inseridos no sistema partidário de então. A inovação do partido consiste, conjuntamente, ao seu caráter ‘outsider’ no sistema, ou *break-in*, assim como a natureza de setores vindos “de baixo”. O modelo originário do partido demonstra distintos mecanismos de organização interna. O Estatuto previa a intensa participação interna dos filiados, regras rígidas quanto ao próprio ingresso ao partido e a negação, quase geral, a qualquer coligação com partidos mais tradicionais (KECK, 1991).

Institucionalização

O PT se ‘torna’ coeso à medida do tempo. As múltiplas facções que o formaram se tornam relativas perante a formação de um forte poder central. Esta ‘centralização’ do partido possibilita, com custos mais baixos, a adaptação posterior, a atividade na oposição e a vitória, em 2002. Esta eleição exterioriza um processo de longo tempo: a moderação do discurso, a busca de alianças mais largas (segundo o espectro ideológico), a diversificação das fontes de financiamento das campanhas, a mitigação das tensões internas e as próprias mudanças de Lula (HUNTER, 2010). Nesta trajetória também é necessário ressaltar um aspecto fundamental de distinção entre o PT e a FREPASO: enquanto o partido argentino, para chegar ao poder em 1999, abre mão da candidatura presidencial e compõe, desajeitadamente, a chapa da UCR, o PT, mesmo derrotado em três pleitos, nunca abre mão da candidatura.

Tabela 1 – Desempenho Eleitoral Câmara dos Deputados

PT					
1982	1986	1990	1994	1998	2002
3,5%	6,9%	10,2%	12,8%	13,2%	18,8%
FREPASO					
1993	1994	1995	1997	1999	2001
Frente Grande -	Frente Grande -	FREPASO -	Alianza TJE -	Alianza TJE -	Alianza TJE -
3,5%	13,2%	20,7%	36,4%	43,8%	16,1%

Elaboração própria a partir dos dados de NOHLEN (2005).

Considerações Finais

As diferentes escolhas das organizações (partidos), em momentos críticos, dão resultados que, forçosamente, tornam difíceis outras alternativas. O PT, desta forma, foi um partido que soube, a partir de suas escolhas iniciais, centralizar um modelo que, apesar de primeiramente fragmentado, concentrou o poder em uma coalizão dominante capaz de manter razoável controle sobre o partido, salvo algumas crises durante os anos 90. Neste sentido, a própria figura de Lula, aglutinando em si as diversas facções, facilitou o processo. O PT, ao contrário da FREPASO, aumentou o número de filiados mantendo-os sob um ‘rígido’ controle do centro. O partido argentino, por sua vez, cresceu sem a consolidação de um polo de poder. A figura de Chacho, apesar de seu carisma e liderança, não gerou um consenso suficiente para, por exemplo, evitar a derrota na primeira eleição interna do partido. O agrupamento de diversas facções teve o efeito de não ‘unificar’ o partido efetivamente. Enquanto o PT expulsava correntes internas (LACERDA, 2002) a FREPASO as aceitava, no esforço de constituição de uma frente ampla, viável eleitoralmente.

Referências Bibliográficas

- ABAL MEDINA, Juan. Viejos e Nuevos Actores en Escenario Posmenemista: De Evita a Graciela, la experiencia del Frente Grande-FREPASO. Trabajo presentado en Latin American Studies Association, XXI International Congress, Chicago, September 24-26, 1998.
- FERNANDES, Antônio Sérgio Araújo. Path dependency e os Estudos Históricos Comparados. BIB, São Paulo, n° 53, 1° semestre de 2002, pp. 79-102.
- HARMEL, Robert; ROBERTSON, John. Formation and success of new parties: a cross-national analysis. *International Political Science Review*, Vol. 6, n° 4, October 1985, 501-523.
- HAUSS, Charles; RAYSIDE, David. The development of new parties in western democracies since 1945. In: COOPER, Joseph; MAISEL, Louis. *Political Parties: development and decay*. Beverly Hills: Sage, 1978.
- HUNTER, Wendy. *The Transformation of the Workers' Party in Brazil, 1989-2009*. Cambridge: University Press, 2010.
- KECK, Margareth. *PT. A lógica da diferença. O Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira*. São Paulo: Editorial Ática, 1991.
- KESTLER, Thomas; KRAUSE, Silvana y LUCCA, Juan B. “Los Break-in parties en América Latina: ¿éxito o fracaso?”. *Revista Debates*, 2013, 7 (2), 159-171.
- LACERDA, Alan Daniel. “O PT e a Unidade Partidária como Problema”. *Dados*, 2002, 45 (1): 39-76.
- LÓPEZ, Santiago. “Partidos desafiantes en América Latina: representación política y estrategias de competencia de las nuevas oposiciones”. *Revista de Ciencia Política (Santiago)*, 2005, 25 (2): 37-64.
- MAINWARING, Scott. Brasil. Partidos Débiles, Democracia Indolente. In: MAINWARING, Scott; SCULLY, Timothy. *La Construcción de Instituciones Democráticas: Sistema de Partidos en América Latina*. Santiago: CIEPLAN, 1996.
- MAINWARING, Scott; SCULLY, Timothy. Introducción: Sistemas de Partidos en la América Latina. In: MAINWARING, Scott; SCULLY, Timothy. *La Construcción de Instituciones Democráticas: Sistema de Partidos en América Latina*. Santiago: CIEPLAN, 1996.
- McGUIRE, James. Partidos Políticos y Democracia en la Argentina. In: MAINWARING, Scott; SCULLY, Timothy. *La construcción de instituciones en la América Latina*. Santiago: CIEPLAN, 1996.
- NICOLAU, Jairo Marconi. *Multipartidarismo e Democracia: Um estudo sobre o sistema partidário brasileiro (1985-94)*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- NOHLEN, Dieter. *Elections in the Americas*. Volume II. South America. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- PANEBIANCO, Angelo. *Modelos de Partido: Organização e poder nos partidos políticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- TAVITS, Margit. “Party Systems in the Making: The Emergence and Success of New Parties in New Democracies.” *British Journal of Political Science*, 2008, 38 (1): 113-133.
- VAN COTT, Donna Lee. From Exclusion to Inclusion. Bolivia’s 2002 Elections. *Journal of Latin America Studies*, London, v. 35, n. 4, p. 751-755, nov. 2003.